



# Nos

## REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS  
VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ IMAGENS  
AUTO/BIOGRÁFICAS  
NA HISTÓRIA E NA  
PRÁTICA ARTÍSTICA



# Resenha

---

## CULTURA E PODER: ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA ESTUDOS SOBRE OS IMAGINÁRIOS BRASILEIROS (1822-1930)

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4818407>

Envio: 05/07/2020 ♦ Aceite: 14/01/2021

### Sarah Cabral



Arquiteta e urbanista, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado - UEG.

O poeta Gonçalves Dias já dizia no século XIX: “não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá; sem que desfrute os primores que não encontro por cá”. Trata-se de um saudosismo por um lugar ressignificado pela arte. Na poesia romântica de Dias, é possível notar uma valorização de sua terra natal, onde tudo era superior comparado aos outros lugares, a beleza “lá” era divina, tão maravilhosa que o faz questionar: seria realmente tão maravilhoso assim ou sua memória foi distorcida pelo exílio? Seria possível os versos construírem uma idealização do “lá” ou até mesmo do “cá”?

Organizado pelas pesquisadoras Ana Beatriz Demarchi Barel e Wilma Peres Costa, o livro *Cultura e Poder: Entre o Império e a República: Estudos Sobre os Imaginários Brasileiros (1822-1930)*, publicado em 2019 pela Alameda Casa Editorial, reúne em seus



artigos uma busca pela construção de um perfil artístico cultural da nação recém independente da América, de modo a entrever uma possível relação com a sociedade europeia do século XIX.

Durante a leitura dos doze textos presentes no livro, notamos uma pretensão, por parte dos autores dos textos, de identificar e explicitar a tentativa dos intelectuais da época de dotar o país de uma história nacional, de fazer com que a nação tivesse uma narrativa coerente e única, sendo preciso construir um passado comum que legitimasse o Estado recém saído do status colonial. No entanto, em mídias como na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a abordagem da nova imagem unificada do país se dá de modo ideológico e político, fazendo com que a história se distorça pelo fato de ser guiada por membros do poder que conduziam o conteúdo de modo a legitimar as ações do cenário presente da publicação.

Além disso, os textos presentes em *Cultura e Poder: Entre o Império e a República* mostram que, mais do que reordenar o passado, uma história de poder e glória, era preciso, por parte dos intelectuais do período, também dominar o presente, guiar as manifestações artísticas em um relato que tornasse a história do país um espaço no qual os sábios fariam a releitura de códigos culturais, elaborando um discurso ao estrangeiro e, assim, reconstruindo a imagem de si próprio e dos outros.

Em diversas situações apresentadas pelos autores, como nas revistas, nas óperas, nos livros e no teatro, uma característica foi perceptível: havia entre os artistas da cultura da República uma conformação social do que seria a “sociedade de corte”. Dessa forma, percebe-se que, no texto referente à música no mecenato imperial, chegava ao instante de afirmar que os intelectuais oscilavam entre provocar a consciência e apelar para as ações do Estado, a fim de que assim surgissem oportunidades de trabalho em um contexto em que não havia um mercado que abarcava as produções artísticas.

Assim, os autores salientam, nos textos que compõem o livro organizado por Barel e Costa, que se emergiu ao fim da subvenção a possibilidade de se desenvolver gêneros mais comerciais dentro da quinta arte; a bilheteria tornava-se capaz de sustentar o teatro e assim dispensar os favores oficiais ao poder político. Inicia-se assim o surgimento de representações mais modernistas e populistas nas óperas, apesar de

vistas como negativas e imoral ao mundo; falseava-se o erudito popular, rotulando como elitista a produção artística que se chamava de erudita.

A concepção artística do período de 1922-1930, recortada no livro, é evidenciada com artistas detentores da missão de civilização nacional. Inicialmente com uma forte dependência ao mecenato imperial, servindo a arte como propagação e afirmação do poder vigente, mas sempre com um teor de aspiração por autonomia, pela liberdade de fazer arte seja com razões sérias, seja por simples riso.

Presente em toda a leitura das 326 páginas, percebe-se o quanto havia dificuldades na construção de uma cena artística no Brasil. No início – o passado – a construção de uma história para a ex-colônia era precisa, uma vez que nos relatos de viagens e expedições expressava-se as práticas sociais concretas, os interesses econômicos, políticos e ideológicos, os quais precisavam ter uma linearidade coesa para que o passado fosse transmitido do melhor modo possível. No presente, as preocupações eram de guiá-lo por um percurso em que se valorizasse o sucesso do governo. Sendo assim, as expressões culturais também deveriam fazer uso de exaltação a política, privar-se do “belo” e se entregar à bajulação governamental, até que a mesma pudesse se consolidar de modo a não necessitar de verba pública, mas sim de uma clientela fiel a apreciar e incentivar a cultura.

Por fim, como se vê apresentado pelos autores, o futuro que se idealizava provavelmente é o tempo de agora: a década de 2020. O “antes” da cultura, no recorte do livro, precisava estar cercado por amparos do poder político e ansiava para o momento em que conseguiria se manter apenas pela mais pura arte e liberdade ao artista; o “hoje” falta ajoelhar-se e mendigar por incentivos. A partir da leitura de *Cultura e Poder: Entre o Império e a República*, reflete-se se a sociedade civil é ou não capaz de por si só manter a cultura – literatura, cinema, teatro, música. Reflete-se se o descaso pela cultura ainda hoje seria ou não pura ignorância de que quem a consome.

O fato é que o Estado precisa ser um grande fomentador da cultura, não só em momentos em que a usa como canal de publicidade para si, mas de um modo geral. Percebe-se que é importante que ele compreenda que a cultura é um aspecto essencial para a vivência humana. Nesse sentido, resta-nos ressaltar que uma das grandes

contribuições do livro organizado por Barel e Costa é exatamente a promoção de reflexões a respeito das relações da cultura e do poder na constituição artística do Brasil no século XIX e as consequências e reflexos do modo como isso ocorreu ainda hoje na sociedade brasileira.

## REFERÊNCIA

BAREL, Ana Beatriz Demarchi; COSTA, Wilma Peres (Org.). ***Cultura e poder entre o Império e a República: estudos sobre os imaginários brasileiros: (1822-1930)***. São Paulo: Alameda, 2018. 324 p.



MANOELA DOS ANJOS AFONSO RODRIGUES